

PEDAGOGIA DE TRANSFORMAÇÕES, ESCOLA QUE LUTA PELA LIBERTAÇÃO

PEDAGOGY OF TRANSFORMATIONS, THE SCHOOL THAT STRUGGLES FOR LIBERATION

Tatiele Dietrich¹

RESUMO: O presente trabalho apresenta a Teoria Progressista, refletindo sobre o contexto histórico do seu surgimento, o seu objetivo e as razões do seu desenvolvimento. Também veremos seus principais representantes, sua maior ênfase e algumas críticas referente a essa pedagogia. A Teoria Progressista defende que a escola pode ser um ambiente que busca a libertação dos oprimidos e a conscientização dos alunos para que esses se tornem seres humanos ativos dentro da sociedade. Veremos, ainda, que essa teoria é dividida em três partes: a Libertadora, onde se destaca Paulo Freire, autor muito importante para a educação, a Libertária e a Crítico-social dos conteúdos. A partir da pesquisa bibliográfica procuramos relacionar os referenciais teóricos com a nossa própria experiência como estudante e como professora na Educação Básica.

Palavras-chave: Teoria Progressista. Libertação. Paulo Freire. Conscientização.

ABSTRACT: This work presents the Progressive Theory, reflecting on the historical context of its rise, its objective and the reasons for its development. We shall also see its main representatives, its main focus and some criticism about this pedagogy. The Progressive Theory advocates that school can be an environment that seeks the liberation of the oppressed and the conscientization of students so that they will become active human beings in society. We shall also see that this theory is divided into three parts: the Liberating one in which Paulo Freire, a very important author for education, is outstanding, the Libertarian one and the Critico-social one of contents. Based on bibliographic research we try to relate the theoretical referentials to our own experience as a student and as a teacher in Basic Education.

Keywords: Progressive Theory. Liberation. Paulo Freire. Conscientization.

1 INTRODUÇÃO

A Teoria Progressista surgiu como forma de manifestação e de libertação da classe oprimida e teve como seu auge a época em que a ditadura militar assolava o Brasil. Nesse período, o corpo docente era obrigado a ensinar o que os ditadores impunham, sendo, inclusive, vigiados e controlados. Os educadores, contudo, perceberam que a escola tinha um caráter político e social. No entender de Paulo Freire, nem educação familiar e nem o ensino escolar são neutros. Cada pessoa, consciente ou inconscientemente, possui, está tomado por

uma ideologia. O processo de consciência da realidade e a reflexão sobre o seu caráter podem fazer da escola um ambiente de luta das classes sociais para a libertação do povo oprimido.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA TEORIA

A década de 1960 foi um período de muitas mudanças sociais. Tempo revolucionário e turbulento, pois entraram novos estilos musicais na sociedade, novidades no mundo da moda, libertação de mulheres e homossexuais, direitos civis concedidos, entre outros. Bem

¹ Estudante do 3º semestre do curso de Pedagogia do ISEI, professora na Escola Municipal de Educação Infantil Gente Miúda. E-mail: tati_dietrich@hotmail.com

como forte movimento estudantil de reivindicação. Em diversos grandes centros intelectuais mundiais, como Praga, Paris, Nova York, ocorreram manifestações de protesto, esses ordenados e organizados por estudantes universitários. Mas, por outro lado, aqui no Brasil, a situação ficou complexa com a instauração da ditadura militar.

Em 21 de abril de 1960, a capital do Brasil é transferida do Rio de Janeiro para Brasília. De 1961 a 1964, João Goulart foi presidente do Brasil. Seu mandato foi marcado pela abertura das organizações sociais para estudantes, organizações populares e trabalhadores. Contudo, em 31 de março de 1964, um golpe militar no Brasil tira do poder o presidente João Goulart e os militares passam a governar o país.

Os partidos de oposição, como a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD), acusavam Jango de estar planejando um golpe de esquerda e de ser o responsável pela carestia e pelo desabastecimento que o Brasil enfrentava.

No dia 13 de março de 1964, João Goulart realiza um grande comício na Central do Brasil (Rio de Janeiro), onde defende as Reformas de Base. Nesse plano, Jango prometia mudanças radicais na estrutura agrária, econômica e educacional do país.

Seis dias depois, em 19 de março, os conservadores organizam uma manifestação contra as intenções de João Goulart. Foi a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que reuniu milhares de pessoas pelas ruas do centro da cidade de São Paulo.

O clima de crise política e as tensões sociais aumentavam a cada dia. No dia 31 de março de 1964, tropas de Minas Gerais e São Paulo saem às ruas. Para evitar uma guerra civil, Jango deixa o país refugiando-se no Uruguai. Os militares tomam o poder. Em 9 de abril, é decretado o Ato Institucional Número 1 (AI-1). Esse cassa mandatos políticos de opositores ao regime militar e tira a estabilidade de funcionários públicos. (SUAPESQUISA.COM, 2013)

Acontece uma mudança, aquilo que foi promovido como abertura pelo presidente anterior passa a ser proibido, ocorrendo, portanto, falta de democracia, suspensão dos direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. Essas foram algumas das características da ditadura militar.

Para que possamos nos inteirar, mais um pouco, do contexto histórico do período em que a teoria surgiu, temos as seguintes descrições:

Noa anos 50/60 acentua-se a importância das interações no processo educativo, conduzindo às pe-

dagogias não diretivas. Valorizam-se as vivências escolares em detrimento dos saberes escolares. O que interessa aprender numa escola é a comunicação, a partilha, o diálogo, o trabalho em comum, a cooperação. Dá-se grande relevo às técnicas de animação e de expressão.

Lendo essa citação podemos perceber que na sociedade atual se enfatiza na educação o que já se pretendia na década de 50/60. Hoje, se quer muito mais formar seres humanos nas salas de aula do que realmente ensinar a ler, escrever. Isso acontece pela sociedade desestruturada, capitalista que temos, onde dinheiro importa muito mais do que educação. Então, nesse contexto, às vezes, é necessário que a escola ensine valores para as crianças ao invés de seus pais, que estão ocupados com o financeiro da família. Continuamos ainda com uma citação da década de 60/70.

Nos anos 60/70 irrompe a crítica às instituições escolares existentes, a pedagogia projeta-se para fora dos muros da escola, os papéis dos professores diversificam-se. É a fase da pedagogia institucional claramente centrada no sistema educativo, com o recurso a metodologias de análise política e de intervenção social (VENTURA; NÓVOA, 1999).

Os papéis dos professores modificaram-se naquela época e continuam se modificando. Na atualidade, ainda precisamos ensinar nossos alunos a lutar por seus direitos quando esses não lhes são concedidos. A pedagogia necessita olhar para fora dos muros da escola para poder ensinar. Fazer-se perguntas: o que está acontecendo ao nosso redor? Estamos satisfeitos? Como anda a nossa educação? Vamos lutar por ela. É curioso como as realidades vão se repetindo ao longo de décadas. Sempre estamos em busca de mudança porque parece que os seres humanos tendem a regredir, ou melhor, voltar ao ponto em que partiram para poder avançar um passo a mais do que haviam feito antes.

Na ditadura militar tudo o que é contra o governo é proibido. Em consequência dessa situação, muitos educadores ficam inquietos e não promovem uma aprendizagem crítica entre os seus alunos. A partir disso surge uma nova proposta pedagógica: querendo uma educação conscientizadora do povo, alteração do histórico escolar público, democrático e de toda a população. Por isso muitos educadores tiveram que se exilar fora do país, pois lutavam contra o governo opressor e queriam a conscientização dos oprimidos. Um exemplo desse fato é Paulo Freire.

A proposta da Teoria Progressista surgiu com o francês Georges Snyders (1916). Ele escreveu um livro

onde queria superar outras duas teorias, a escola tradicional e a escola nova, que vieram antes da progressista. A construção dessa pedagogia ocorre entre 1968 e 1976 com alguns livros que o professor publicou. Em entrevista com Georges Snyders, concedida em 8 de agosto de 1990 em seu escritório em Paris e realizada por Lourdes Stamato De Camillis, lemos que:

No final da Guerra, depois que os americanos já estavam na França, fui preso e deportado. Este episódio me marcou muito porque foi aí que tive a experiência da infelicidade, da miséria, da humilhação. Era bom aluno, me saía bem nas provas, a vida ia bem e, bruscamente, pela primeira vez, apanhei, passei fome. Foi a partir deste momento que comecei a me preocupar com aqueles para quem esta experiência, que foi para mim temporária, representa o cotidiano.

Dizer a verdade aos alunos não é suficiente para que eles aprendam. Para convencê-los é preciso explicar por que eles se enganam. [...] Deve-se iniciar, assim, pela crítica à sua concepção, para apresentar, depois, a teoria.

Quanto mais os alunos enfrentam dificuldades – de ordem física e econômica –, mais a escola deve ser um local que lhes traga outras coisas. Essa alegria não pode ser uma alegria que os desvie da luta, mas eles precisam ter o estímulo do prazer. A alegria deve ser prioridade para aqueles que sofrem mais fora da escola (SNYDERS, 1991, p. 159-164).

A Teoria Progressista surgiu quando se percebeu que a educação tinha muito mais um caráter político do que pedagógico. Então os educadores usaram esse fato para transformar a escola, buscavam ações que mudassem a realidade social existente, com o método de verificar os problemas, a sua causa e, por último, procuraram formas de atuação que mudassem essa realidade social e política. A classe dominante era quem frequentava a escola e controlava quem participava do ambiente escolar.

Percebemos no decorrer do texto que o autor da teoria também sofre por expor sua opinião, pois é deportado por colocar sua opinião sobre educação assim como Paulo Freire, que foi exilado. Lemos ainda que a escola deve ser um local onde se tenha prazer, alegrias, mas sem deixar de acontecer a luta pela libertação da classe oprimida, sem deixar de ensinar aos alunos a consciência crítica.

É oportuno mencionar que existia, no Brasil dos anos 60 a 64, uma grande movimentação em torno da promoção da cultura popular, que por meio do nacionalismo procurava resgatar a verdadeira

cultura não-dominante, a cultura do povo. Entre a efervescência ideológica dos primeiros quatro anos da década de 60, cresceram organizações que trabalharam com a promoção da cultura popular, a educação popular, a desanalfabetização e a conscientização da população sobre a realidade dos problemas nacionais. Os Centros Populares de Cultura (CPCs), os Movimentos de Cultura Popular (MCPs) e o Movimento de Educação de Base (MEB) foram os grandes protagonistas das ações de várias tendências e grupos de esquerda preocupados com a problemática cultural das classes trabalhadoras (SCHRAMM, 2001).

A classe dominada percebeu que estava sendo oprimida e resolveu libertar-se; nasce aí a Teoria Progressista, que tem em vista uma nova concepção de educação. Em *Teorias Progressistas*, de Maria Lúcia de Arruda Aranha (2002, p. 211), lemos que é “descoberto o caráter político da educação, à pedagogia progressista cumpre construir uma pedagogia social e crítica”.

Interessante percebermos que a pedagogia progressista tem sua ênfase voltada para uma educação que se preocupa bastante com o social e com a crítica. Do lado social, porque quer que todos tenham acesso à educação, sem intervenção das classes opressoras e sem a distinção de classes sociais, em outras palavras: dominante e dominada. Pelo lado crítico, considera importante que a classe que sofre opressão perceba esse fato e não fique calada diante disso, mas que lute por seu direito de estudar.

Todos devem ter acesso ao saber, ao conhecimento. Essa educação é feita por um longo processo, com o objetivo de criar uma consciência crítica na classe oprimida, principalmente a respeito das práticas sociais. A tomada de consciência faz com que as pessoas não fiquem caladas e sem reações diante de sua realidade social, política, intelectual e com isso saibam exatamente o que querem aprender para que possam mudar o contexto que os vem agredindo física, intelectual ou moralmente. Mas para que aconteça essa tomada de consciência crítica nos alunos, é necessária a ajuda do professor.

3 PROFESSOR E ALUNO PROGRESSISTAS

O professor progressista está ciente de que a educação é uma prática social transformadora da realidade de vida de seus alunos e não de aceitação da mesma. Ou seja, o docente deve ajudar seus alunos a propor mudanças em suas vidas e não fazer com que o aluno conheça sua realidade e simplesmente a aceite. Por isso

o papel que o professor deve desempenhar é o de direção do aluno; é ele quem vai guiar os educandos em sua busca simplificando, ajudar o aluno a conhecer sua realidade, fazer com que ele busque mudança e transformação. Partindo da realidade do aluno, do seu desejo e anseios, assim desenvolvendo uma visão de mundo diferente, onde ele se torna um ser ativo na sociedade perante o seu crescimento.

No entanto, a direção que o professor deve dar não significa qualquer caminho que se possa indicar, porque a aula partirá dos conteúdos trazidos pela experiência de vida do aluno. Em outras palavras: não posso mostrar um caminho para meu aluno problematizar a sua realidade, deixar que ele resolva sozinho, mas ir “caminhando” junto dele e guiando-o para que não se perca e chegue ao ponto de reavaliar criticamente a cultura para que o resultado seja a ruptura com a ideologia dominante. O papel do mestre é, considerando os conteúdos, promover diálogos, discussões, problematizações, confrontações, mantendo o cuidado de chegar a um real conhecimento da realidade.

Um aluno progressista procura conhecer sua realidade e juntamente com o professor buscar mudanças através do diálogo com seus colegas e com seu docente. Um aluno progressista não fica parado quando seus direitos de educação lhe são negados, luta por eles e procura estar sempre presente na sociedade, lutando para que todos tenham os mesmos direitos como cidadãos.

Um de seus principais objetivos é aliar a teoria à prática, para que o aluno possa compreender o que ele quer saber, o que quer fazer e para que fazer. Mas não esquecendo que esse fato deve estar ligado sempre à realidade social vivida pelo aluno. Ressaltamos o objetivo da Teoria Progressista com a seguinte citação:

O objetivo de tal pedagogia é o de levar o aluno a um conhecimento verdadeiro, científico, que lhe possibilite uma formação e posse do conhecimento acumulado pela humanidade e, assim, possa participar das lutas de seu tempo, possa contribuir para a transformação da sociedade (CARVALHO, 1999, p. 15).

O principal representante da pedagogia progressista aqui no Brasil foi Paulo Freire (1921-1997), que se destacou em seu trabalho inovador focando a alfabetização de adultos na década de 60. Mas com a ditadura militar teve que se exilar por um bom tempo. Sua proposta pedagógica vem ao encontro da teoria estudada neste artigo. Para ele, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Se esse for oprimido, levá-lo a conhecer sua situação e com a ajuda do professor agir em favor de sua

libertação. Para Freire, os alunos não devem ser considerados apenas receptivos de informações, mas devem ser pessoas ativas e presentes na sociedade.

Quem melhor que os oprimidos se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá melhor que eles os efeitos da opressão? Quem mais que eles para ir compreendendo a necessidade de libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 1987).

A principal base da fundamentação teórica da pedagogia progressista é o pensamento de Marx, que lutava para extinguir a sociedade dividida em classes e para que a educação se democratizasse. Snyders baseou-se no marxismo para desenvolver sua teoria e percebeu que ela não se encaixava na sociedade capitalista em que estava vivendo. Ou seja, a Teoria Progressista não tem como se institucionalizar numa sociedade capitalista, mas ela pode ser um instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais.

A pedagogia progressista divide-se em três partes: libertadora, que é conhecida também como pedagogia de Paulo Freire, libertária e crítico-social dos conteúdos.

A libertadora valoriza a experiência e a realidade em que o educador e o educando vivem, pois são fundamentais para a prática educativa. É através da percepção do mundo que se constroem os conceitos e os significados sobre a realidade que influenciarão as leituras e ressignificações. A visão de Paulo Freire se faz presente nela.

A libertária acredita que a escola seja capaz de transformar a personalidade do aluno. Ela afirma que o indivíduo é um produto social, sendo seu desenvolvimento realizado no coletivo, sendo a autogestão o conteúdo do método. O aluno possui a liberdade de escolher se vai ou não trabalhar, tendo seu interesse pedagógico baseado nas necessidades individuais ou do grupo.

A crítico-social de conteúdos destaca a escola como sendo um mecanismo de preparação do aluno para o mundo adulto. Os métodos desenvolvidos se dão através da experiência do aluno (OLIVEIRA, 2013).

Porém devemos ter cuidado para não considerar que a educação na Teoria Progressista está subordinada à política, mas sim dependente, para que se possa, depois de analisar esse contexto, ensinar os alunos. Primeiramente, identificar classes dominantes e dominadas para que se possa dar início ao processo educativo de tomada de consciência da classe oprimida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa teoria é de grande importância, pois sua forma de ensinar faz com que os alunos se tornem independentes e livres para fazer suas escolhas. E, também, não ficar calados frente a injustiças que acontecem à sua volta. Encontramos ainda os lados positivos dessa teoria, pois ela valoriza muito o conhecimento que os alunos trazem consigo, a sua experiência de vida; é a partir disso que a educação acontece.

É necessário dominar os conhecimentos históricos para nos situarmos na história, no caminho que a educação percorreu ao longo das décadas. E assim sabermos onde devemos chegar com nossos alunos, qual a parte crítica mais importante que devemos despertar em nossas crianças.

Por último, não podemos esquecer que toda teoria, todo processo educativo tem seus lados positivos e seus lados negativos. E devemos lembrar ainda que existem muitas teorias educativas. Então devemos ser inteligentes e sensatos o suficiente para perceber que nenhuma delas traz a verdade absoluta ou que nós, docentes, devemos seguir a linha de apenas uma. Mas pesquisar, estudar, compreender todas, para tirarmos proveito ao máximo de cada uma delas. Desde seus lados positivos para usar na prática em sala de aula até seus lados negativos para sabermos que tal fato não funciona em sala de aula ou na sociedade em que vivemos. Então, o mais importante de tudo é perceber qual a prática educativa mais adequada e qual caminho a seguir na educação.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2002.

CAMILLIS, Lourdes Stamato de. Entrevista com George Snyders. **Ideias**, n. 11, São Paulo, 1991, p. 159-164. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_11_p159-164_c.pdf>. Acesso em: 20 de maio 2013.

CARVALHO, Roberto Muniz Barreto; Georges Snyders: em busca da alegria na escola. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 17, n. 32, p.151-170 jul./dez. 1999. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/.../1007>. Acesso em: 20 maio 2013.

CONTEXTO histórico. Disponível em: <<http://www.oocities.org/athens/olympus/7979/contexto.htm>>. Acesso em: 21 maio 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://sites.google.com/site/ged0611/tendencia_pedagogica_progressista>. Acesso em: 21 maio 2013.

OLIVEIRA, Emanuelle. **InfoEscola**: navegando e aprendendo: métodos críticos sociais do conteúdo. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/pedagogia/metodos-criticossociais-do-conteudo/>>. Acesso em: 21 maio 2013.

SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da arte. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting (Org.). **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville: Ed. Univille, 2001. v. 1, p. 20-35. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69329&>>. Acesso em: 19 maio 2013.

SNYDERS. Publicação: série **idéias**, n. 11. São Paulo: FDE, 1991, p. 159-164.

SUAPESQUISA.COM. **Ditadura militar no Brasil**. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/ditadura/>>. Acesso em: 06 nov. 2013.

VENTURA, Alexandre; NÓVOA, António. **Para uma análise das instituições escolares**. 1999. Disponível em: <http://debauro.edunet.sp.gov.br/pages_arquivos/not%C3%ADcias/ot_novembro/NovoaAvalia%C3%A7ao_Institucional.pdf>. Acesso em: 25 maio 2013.